

PARCERIAS ESTRATÉGICAS COM EMPRESAS COMUNITÁRIAS. O QUE SÃO E COMO PODEM SER ORGANIZADAS.

Por John Croft

Última atualização: Novembro de 2007.

Tradução do texto e adaptação das figuras: Áureo Gaspar (Agosto de 2012).

Título original: Fact Sheet Number #19 COMMUNITY ENTERPRISE STRATEGIC PARTNERSHIPS. WHAT ARE THEY AND HOW CAN THEY BE ORGANISED?

RESUMO: O Sistema de Crescimento Industrial do qual somos parte sofre uma série de crises cíclicas, mas contam com a adição de novos tipos de empresas para corrigir seus desequilíbrios. Construir organizações ganha-ganha exige novos tipos de estratégias comunitárias de parcerias empresariais.



Esta versão e a obra original de John Croft estão licenciados sob uma licença [Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/). Permissões além do escopo desta licença podem ser solicitadas a jdcroft@yahoo.com.

Sumário

A NATUREZA DA EMPRESA.....	1
INTRODUÇÃO À EMPRESA COMUNITÁRIA.....	2
ORGANIZANDO UMA EMPRESA COMUNITÁRIA	6
PARA ONDE IR, A PARTIR DAQUI?	7

A NATUREZA DA EMPRESA

A palavra “Empresa” traz uma mensagem embaralhada. Por um lado, ligada ao empresário, ela pode ser vista como a atividade de alguém preparado para assumir riscos com os recursos que lhe são confiados, a fim de obter lucro pessoal. Na era em que ‘Ganância é Bom’, um número crescente de empresários, quando surpreendidos em suas atividades, termina como ‘criminosos de colarinho branco’. Por outro lado, “empresa” vem do francês “*entre*”, que significa “entre” e “*preneur*” que significa “tomador”. Neste segundo sentido, uma “empresa” é uma forma de organização que leva as pessoas de onde estão para onde gostariam de estar. Neste contexto, o “empresário” é alguém que desenvolve uma forma inovadora de atender uma necessidade emergente na comunidade, um indivíduo criativo, que inspira os outros com sua liderança, para alcançar uma meta que não seria possível de outra maneira. Mas isso também é uma mistificação de outra possibilidade.

A economia neoclássica argumenta que as organizações mais eficientes do ponto de vista econômico são empresas de propriedade privada, competindo em um ‘mercado livre’. Caracterizam-se pela ‘concorrência perfeita’, em uma situação onde os consumidores fazem escolhas racionais avaliando custos e benefícios e têm ‘informações perfeitas’ sobre as consequências futuras de suas escolhas. Sugere-se ainda que as organizações governamentais sejam burocráticas, inflexíveis e ineficientes, quando comparadas com aquelas que operam no mercado.

Mas a realidade mostra que poucas destas condições existem no mundo real. As condições de ‘acesso perfeito’ – onde as pessoas podem livremente entrar em qualquer indústria para se estabelecer como concorrentes a uma empresa já existente – não existem desde o início do século 19. Apesar do enorme crescimento do mercado, o número de fabricantes de automóveis nos EUA, por exemplo, caiu de 5.000 em 1895 para quatro em 1995. Hoje, no mundo, das 100 maiores economias, 51 são corporações e apenas 49 são Estados-nação. O impacto econômico dessas corporações transnacionais foi crescendo continuamente ao longo do século 20, apesar de que, desde a década de 1970, o número de trabalhadores vem caindo rapidamente. Claramente, nestas circunstâncias, os custos da competição “perfeita” são tão altos, e tão prejudiciais ao sentido de comunidade, que os “mercados livres” realmente não funcionam.

Desde 1930 a provisão governamental mostrou ser a melhor forma de manter a procura agregada, bem como proporcionar uma forma de empreendimento para atender as necessidades da comunidade que não podiam ser entregues pelos mercados. A educação pública, a saúde pública, a proteção social e a evolução de infraestrutura só são possíveis através do financiamento do erário público. Isto é especialmente verdadeiro nas áreas onde uma “taxa de serviço” agravaria as condições de equidade social, criando um fosso crescente entre ricos e pobres. Nos últimos anos, enquanto as necessidades da comunidade social e ambiental continuam a crescer, o crescimento das receitas fiscais do governo ameaça a prosperidade global corporativa e comunitária. Nestes casos, as organizações sem fins lucrativos da comunidade têm demonstrado uma importância que não foi anteriormente reconhecido.

Ao invés de uma única forma de empresa, encontramos, de fato, quatro tipos, criando historicamente uma “economia mista”, como segue:

No chamado mundo “desenvolvido” normalmente há uma “economia mista” de quatro tipos de organizações que trabalham em nível da comunidade – determinados principalmente pela natureza econômica, social, político, cultural ou ambiental da comunidade local envolvida. A questão a princípio é: Será que este “mix” facilita o desenvolvimento de comunidades vibrantes e emocionantes, caracterizadas por uma elevada qualidade de vida para as pessoas que lá vivem? Ou há algo faltando no “mix”, e como ele pode melhor ser complementado?



INTRODUÇÃO À EMPRESA COMUNITÁRIA

O que é uma Empresa Comunitária? Comunidade é uma palavra muito mal utilizada. Ela vem de três componentes separados:

- **Com** significa “com” ou “juntos” (em latim)
- **Munis** significa “as mudanças ou trocas que ligam” (em proto-indo-europeu)
- **Ity** vem de “Itatus” (em latim) que significa “local”, “pequeno” ou “íntimo”.

Assim, “Comunidade refere-se às ligações locais ou trocas que nos unem”. Uma “comunidade” autêntica é aquela que é inclusiva dos diferentes, é coesa, sem ser uma panelinha, e é dirigida para fora, para o resto do mundo, ao mesmo tempo em que está focada em atingir as necessidades dos seus membros. Uma comunidade autêntica, portanto, caracteriza-se pela qualidade da comunicação entre os seus membros. Nós não temos muitas comunidades verdadeiramente autênticas. A maior parte do que chamamos de comunidades são apenas grupos acidentais de pessoas que têm algo em comum:

- Comunidades geográficas – pessoas que vivem na proximidade.
- Comunidades organizacionais – pessoas ligadas por necessidade ou organização.
- Comunidades culturais – são pessoas ligadas por uma cultura compartilhada.

Empresa também é uma palavra muito mal compreendida. Ele vem de duas palavras em francês

- **Entre** = entre.
- **Prise** = tomar.

Assim, **uma empresa é algo que “leva você de onde você está agora para onde você gostaria de estar no futuro”.**

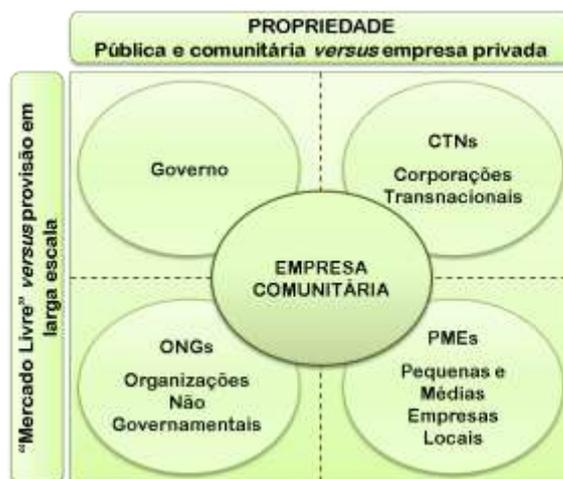
Unindo estes termos, ‘comunidade’ e ‘empresa’, temos que uma empresa comunitária refere-se ao desenvolvimento de uma comunidade inovadora baseada em instituições que permitem um maior grau de colaboração entre os quatro setores que operam em uma área local. Uma empresa comunitária existe quando os quatro tipos de empresa estão presentes em uma comunidade local, a saber:

- Pequenos a médios negócios de propriedade local.
- Grandes corporações com propriedade e gestão externas.

- Agências e organismos governamentais.
- Organizações não governamentais (ONGs), sem fins lucrativos.

Trabalhando em conjunto para alcançar resultados benéficos que nenhum deles poderia alcançar sozinho. Isto pode ser melhor descrito no diagrama a seguir.

Qualquer grupo da comunidade que decidiu organizar e implantar seu próprio projeto tomou uma decisão importante – seus membros tornaram-se participantes ativos da empresa comunitária no desenvolvimento econômico de sua comunidade. Os membros têm objetivos em comum, mas sozinhos não são capazes de alcançá-los. Ao se unir e atuar em parceria com outras organizações, em sua comunidade, torna-se possível trabalhar em prol destes objetivos e, espera-se, alcançá-los. O desenvolvimento voltado à comunidade local por esta mesma comunidade propicia também um melhor atendimento às suas necessidades por parte de órgãos governamentais, grandes empresas externas e outras agências sobre as quais a população normalmente tem pouco controle. Peter Kuenstler escreveu sobre empresas comunitárias na Europa Ocidental, afirmando:



“Uma das características de iniciativas locais é que elas são frequentemente empresas ‘mistas’, isto é, não têm apenas o objetivo comercial estrito de fornecer um produto ou serviço em troca de pagamento, mas também têm uma finalidade social, fornecendo serviços pelos quais os usuários não precisam pagar e que são fornecidos através das atividades comerciais do projeto, ou através de doações de um organismo externo”¹.

George Burt, da comunidade empresarial na Escócia, considera que uma empresa comunitária segue os critérios abaixo, provendo um ou mais dos seguintes itens:

- É uma organização comercial.
- Pertence e é controlada em nome de uma comunidade local.
- Cria empregos para a população local em novas empresas.
- Estimula todos os aspectos do desenvolvimento econômico da comunidade.
- Fornece serviços para a comunidade.
- Ajuda ou financia projetos que beneficiem a comunidade.
- Fornece instalações e treinamento para ajudar os outros a criar empregos.
- Não distribuir lucros aos seus membros.
- Reinveste seus lucros em prol da comunidade².

Nick Love, o fundador da empresa comunitária altamente bem sucedida, a ‘Cooperativa Comunitária das Terras Altas e Ilhas’, acredita que há dez ingredientes principais das empresas comunitárias bem-sucedidas.

1. Uma Abordagem Integrada. Os objetivos da empresa comunitária nunca são exclusivamente econômicos, nem são exclusivamente sociais, culturais ou ambientais. O desenvolvimento de empresas comunitárias deve ser integrado para que possam ser eficazes. Elas são organizadas para atender a importantes interesses de toda a comunidade. As suas metas e estratégias relacionam-se com toda a comunidade – para os seus elementos sociais, econômicos, ambientais e culturais. Estes são precisamente os requisitos para a Agenda 21 Local, necessários para propiciar o Desenvolvimento Ecologicamente Sustentável, aprovado pelo Governo Federal da Austrália na Cúpula da Terra ‘Rio 1992’. Também foi apoiada pela Associação Australiana de Governo Local (ALGA – *Australian Local Government Association*) no seu impulso para Planejamento Integrado da Área Local (ILAP – *Integrated Local Area Planning*).

2. Não ao Lucro Privado. Muitos projetos empresariais da comunidade se confundem neste ponto. Empresas comunitárias devem obter um lucro financeiro para sobreviver. No entanto, em uma empresa da comunidade, “lucros” são um meio para algum outro “fim” comunitário, ao invés de ser um “fim em si mesmo”. O objetivo

de uma empresa comunitária não é acumular dinheiro, ou pagar dividendos aos membros, mas sim garantir que eventuais lucros sejam usados para benefício de toda a comunidade. Empresas comunitárias, portanto, estão muito preocupados com o que está sendo chamado de “*Triple Bottom Line*”, a Linha de Base Tripla. Não só estão preocupados com a viabilidade financeira e a rentabilidade (a linha de base de uma empresa convencional privada), mas também estão preocupados com o que está acontecendo com o “capital social” e o “capital ecológico” de suas comunidades. Os lucros de empresas comerciais geralmente são reinvestidos para aumentar o capital “social”, “cultural” ou “ecológico” da comunidade.

3. Não ao ganho pessoal. Os projetos empresariais comunitários, ao contrário dos pequenos negócios mais tradicionais, empresas privadas ou cooperativas, não estão organizados para proporcionar ganhos financeiros pessoais para seus membros. Benefícios aos membros podem advir, no entanto, indiretamente, através da melhoria no acesso a bens ou serviços resultantes advindos do projeto. Por exemplo, uma cooperativa de aluguel de imóveis é um exemplo de uma empresa comunitária, onde os membros são capazes de satisfazer suas necessidades de habitação. Entretanto, uma cooperativa de habitação não seria uma empresa comunitária, se em sua operação ou na venda do seu patrimônio houvesse um ganho financeiro privado.

4. Controle Local. A resiliência da comunidade e a autoconfiança só podem ser alcançadas através de um processo de desenvolvimento que é localmente iniciado e controlado. Novamente, isto pode levar à confusão. Nenhuma comunidade no mercado mundial globalizado pode se dizer totalmente autossuficiente. Através dos seus impostos, as comunidades locais fornecem recursos ao governo para realizar programas em seu nome. Eles exigem e têm o direito de esperar que gastos do governo ocorram em sua localidade. Os lucros obtidos pelas grandes empresas, ou os reembolsos de empréstimos bancários, são gerados por comunidades locais, e há muitos excelentes exemplos de empresas criadas pela comunidade em parceria com essas agências. No entanto, é importante que os membros de uma comunidade empresarial percebam que enquanto formação, educação, informação, apoio e assistência, e até mesmo alguns fundos, podem vir de fora da comunidade, é pela tomada de decisão local que o sucesso de uma empresa comunitária pode ser assegurado.

5. Crença na gestão de seus próprios negócios. As empresas comunitárias devem acreditar em si e nas suas habilidades para gerenciar seus próprios assuntos. Eles devem ter fé no potencial das pessoas de sua comunidade, e confiar que estas são capazes de contribuir para o bem de toda a comunidade, ao invés de apenas ser motivadas por interesses pessoais estreitos. O capital social se constrói pela ampliação desta crença, reduzindo qualquer desconfiança e aumentando o retorno econômico para todas as empresas – pequenas empresas privadas, grandes empresas corporativas e o governo.

6. Democracia na tomada de decisão. A gestão convencional e as estruturas organizacionais tendem a afastar o poder de tomada de decisão dos membros, que podem se reunir apenas uma ou duas vezes por ano, enquanto que um pequeno grupo de pessoas envolvidas na comissão executiva ou de gestão pode se encontrar todo mês ou quinzenalmente. Esta tendência antidemocrática pode levar a um conflito entre os membros e gestores, que reduzindo a eficácia da iniciativa comunitária, exceto se for devidamente gerenciada. Buscar oportunidades para consulta e envolvimento dos intervenientes na comunidade pode ajudar a comissão a garantir que os membros executivos não ficarão presos em um ciclo de “sobrecarga – opressão – queima – demissão – procurar por novos membros”. Também pode continuamente mobilizar as energias e o interesse de um grupo muito maior do que as reuniões convencionais podem gerar. A democracia participativa, envolvendo vários métodos de tomada de decisão por consenso, pode ser muito útil. Ao mesmo tempo, é importante que aquelas decisões urgentes, mas sem importância (ex. correios que deve ser usado para comprar selos), sejam deixadas para os indivíduos que estão envolvidos nessas atividades, sem a necessidade de justificar suas ações perante uma comissão. Buscando criar ordem, a decisão pelo comitê frequentemente provoca paralisia. Dee Hock mostrou que as organizações ‘caórdicas’, que existem à beira do caos, são mais bem sucedidas em promover e capacitar seus participantes para serem inovadores e criativos, ajustando-se rapidamente à evolução das circunstâncias.

7. Pequeno é Belo. Nossa cultura tende a ser obcecada por ‘grandeza’. As pessoas que se envolvem com empresas comunitárias também podem se tornar viciadas nesse critério de sucesso. Mas os grandes projetos não começam no vácuo. Eles são o resultado do sucesso e crescimento de pequenos projetos anteriores. Se você ouvir alguém descrever seu projeto como um ‘pequeno esforço local’ isso deve ser considerado como um elogio, não como condenação. Tais esforços são geridos localmente; são controlados pela comunidade que

os acolhe, provendo trabalho para a população local; fazem uso dos recursos localmente disponíveis, tanto humanos como materiais; servem às necessidades locais através de um melhor acesso aos produtos e serviços; aumentam a capacidade local e adaptabilidade da comunidade; constroem vitalidade social e raramente fazem (se houver) danos ao meio ambiente. Como Tony Judge, da Associação Internacional de Associações disse, a construção de parcerias estratégicas entre tipos diferentes de organizações alcança muito mais do que qualquer organização única tentando agir sozinha. A comunidade empresarial, assim, organiza uma ecologia local das estruturas de organização, aprimorando a comunicação entre organizações não governamentais da comunidade, órgãos governamentais, grandes corporações e pequenas empresas de propriedade local. Este trabalho pode ser pequeno, e quase invisível, mas é crucial para o sucesso do desenvolvimento econômico da comunidade.

8. Desenvolvimento Econômico da Comunidade. As iniciativas comunitárias tradicionais de desenvolvimento nos países ricos tendem a se concentrar nas áreas social, recreativa, de saúde, cultural e nas iniciativas de educação. O desenvolvimento econômico no passado foi deixado para principais empresas e planejadores governamentais dos governos estaduais e federais. Isso tende a favorecer 'grandes projetos' em 'grandes comunidades' à custa de 'pequenos projetos' em 'pequenas comunidades', tendendo a reduzir o controle e resiliência locais às súbitas mudanças nos preços das *commodities* ou políticas governamentais. A empresa comunitária é a estratégia-chave que coloca a economia de volta ao coração do Desenvolvimento Econômico Comunitário. Ao mesmo tempo, não reduz a importância do aspecto social, cultural e ambiental. Pelo contrário, aumenta o seu sucesso, dando-lhes acesso a financiamentos, reduzindo sua dependência de esmolas do governo ou de patrocínio corporativo.

9. Envolvimento de Treinamento e Educação. As empresas comunitárias de maior sucesso são o que Peter Senge chama de 'organizações de aprendizagem'. Organizações de aprendizagem trabalham porque são 'direcionadas por valores' e mobilizam o trabalho voluntário muito além do que se consegue através de qualquer contrato de pagamentos ou salário. Tendem a promover mudanças de dentro para fora, ao invés de ter a mudança imposta de fora para dentro. Por ter seus 'olhos bem abertos', organizações de aprendizagem recebem constantemente sinais de vários tipos, que refletem em seu desempenho, e são capazes de discriminar entre um 'sinal significativo' e o 'ruído de fundo' sem sentido. Através da revisão e avaliação, há um 'ciclo de aprendizagem' (*learning loop*) fechado. Assim, propiciam aprendizagem recorrente ao longo da vida para todos os envolvidos, o que é fundamental para o sucesso de qualquer organização da comunidade. Empresas comunitárias precisam ter uma 'fome por informação' e consciência sobre como as coisas poderiam ser feitas de melhor forma, o que deve ser partilhada com todas as pessoas envolvidas. Se houver um melhor sistema de contabilidade, por exemplo, precisa haver alguém treinado para implementá-lo. Se você ouvir falar de uma comunidade que é bem sucedida na promoção do envolvimento da comunidade, vá visita-los e aprender com sua experiência. Assim você talvez não precise reinventar a roda. Esta forma de educação não é algo que está contido nas escolas ou academias, separado da vida. A educação em uma empresa comunitária bem-sucedida se torna uma parte da vida, tão inseparável como a respiração.

10. Isso Leva Tempo. Projetos de empresas comunitárias são incrementais e seu desenvolvimento não pode ser apressado. Não se deve forçar a abertura das pétalas de uma rosa, pois isto acontece ao seu próprio ritmo. Projetos de empresas comunitárias são forjados para uma longa existência. Conquanto seja possível dar passos largos, ou aproveitar uma oportunidade temporária, o seu impacto efetivo geralmente só vai ser sentido ao longo de muitos anos. Isso não significa que as pessoas precisam se comprometer para sempre com uma organização. Pelo contrário, significa que a estrutura empresarial é uma comunidade que deve facilitar a entrada de novas pessoas, menos experientes, mas mais entusiasmadas, e permitir que os 'mais velhos', as pessoas mais experientes, que podem ter pouco a contribuir, saiam graciosamente, sem abandonar ou perder valiosas lições duramente aprendidas. Isso impede que um pequeno grupo, cada vez menor, fique 'carregando o piano'. Assegurar que cada pessoa que sai é substituída, em momento oportuno, por alguém que pode desempenhar melhor seu trabalho, é um longo caminho para garantir a estabilidade das estruturas empresariais da comunidade. Encontrar formas de dar a todos a oportunidade de participar na tomada de decisões realmente importantes é uma ótima maneira de compartilhar os encargos e manter o entusiasmo alto.

ORGANIZANDO UMA EMPRESA COMUNITÁRIA

A empresa comunitária é altamente maleável, envolvendo uma estrutura adaptável para atender às necessidades e à situação das circunstâncias encontradas em uma determinada localidade. Na Austrália Ocidental, elas tomaram as seguintes formas:

1. **Associação Comunitária Sem Fins Lucrativos** (a partir da Lei de Associações Incorporadas da Austrália Ocidental, de 1987) que coloca em funcionamento uma empresa local.
2. **Um braço empresarial de uma organização local**, clube de serviços, associação para o progresso ou câmara de comércio local (feiras de troca ou quermesses são um exemplo)
3. **Um projeto especial** fomentado ou patrocinado por uma autoridade do governo local (O telecentro comunitário *Narembeen* é um exemplo na Austrália Ocidental).
4. **Uma Cooperativa de Consumo** (Lei 1947-93 de Empresas Cooperativas na Austrália Ocidental. Uma cooperativa de camelôs opera desta forma).
5. **Uma Fundação Comunitária**, ou órgão de caridade, que pode contar com isenções e deduções tributárias.
6. **Um Consórcio Comunitário**, em que os beneficiários de um consórcio são nomeados em uma comunidade particular. A Fundação Comunitária da Austrália Ocidental opera desta forma.
7. **Uma Cooperativa de Crédito** como a de Maleny, Queensland, que está no centro de uma variedade de empresas comunitárias, incluindo um LETSystem (sistema informatizado de controle e acompanhamento), cooperativas de alimentos, entre outros.
8. **Uma função do governo local com subcontratação** – tais como o premiado Programa Emergencial de Serviços em *Margaret River*.
9. **Uma parceria de negócios** – em que diversas agências trabalham juntas de forma estruturada, como acontece com as fazendas eólica comunitárias propostas nas cidades de Geraldton e Denmark.

Como mostram os diagramas acima, uma empresa comunitária pode incorporar uma grande variedade de agentes para várias funções. Na Austrália Ocidental, empreenderam uma série de funções, incluindo:

- **Estabelecer empresas lucrativas**, que são essencialmente pequenos negócios, quer para empregar pessoas locais, ou criar uma base de capital que pode ser usado para o benefício de outra comunidade. Por exemplo, O Hotel Cunderdin foi gerido por uma empresa que usou seus lucros para criar e operar uma piscina comunitária, em um modelo que depois se tornou comum em outras cidades. A proposta de Turner Rd Caravan Park, executado pela Comunidade Associação de Desenvolvimento Comunitária de Augusta, ou o Centro de Design de Margaret River, proposto pelo Centro de Tecnologia Alternativa, são exemplos clássicos de tais empresas na Austrália Ocidental.
- **Operação de Empresas Marginais**. Existem muitos empreendimentos que o setor privado não consideraria como sendo um negócio, mas que são empresas comunitárias, mobilizando assistência voluntária, baseados em capital social e que são eficazes. Isto pode envolver uma comunidade assumir uma empresa já existente, que de outra forma seria dada por perdida. O crescimento de bancos comunitários, patrocinados pelo Banco Bendigo, mesmo levando em conta que as pessoas investem esperam obter ganhos pessoais, é um exemplo clássico de tais empresas de negócios marginais, que mobilizam capital social para operar empresas julgadas pouco interessantes pelos bancos convencionais.
- **Aproveitar oportunidades**. Uma vez que a estrutura empresarial comunitária esteja estabelecida, ela pode facilitar respostas rápidas a oportunidades de negócios temporários, que de outra forma não seriam aproveitadas por uma localidade. As empresas comunitárias na cidade de Hyden, na Austrália Ocidental, têm repetidamente demonstrado a eficácia dessa abordagem. Igualmente, a redução na rede de agências dos grandes bancos criou oportunidades para bancos comunitários, nos quais as comunidades locais trabalham em parceria com o Banco Bendigo para atingir resultados impossíveis, caso as partes tivessem sido forçadas a trabalhar sozinhas.
- **Promoção do Empreendedorismo comunitário**. Empreendedorismo comunitário é um tipo especial de liderança local, que pode efetivamente ajudar uma comunidade a construir uma visão de si mesma e ajuda

a construir uma ponte entre onde se está e onde queremos chegar. Incubadoras de Empresas existem em Tambellup, Balingup e em outros países para promover tal espírito empreendedor. Na Austrália Ocidental, a Programa de Construtores de Comunidades, as Oficinas de Oportunidades Comunitárias do Gabinete do Ministro da Indústria Primária, e o Programa de Planejamento Econômico de Pequenas Cidades do Departamento de Comércio ajudaram na construção de Empreendedorismo comunitário³.

- **Prestação de serviços comunitários.** A empresa comunitária também poderá realizar qualquer atividade que beneficie a comunidade local. Por exemplo, muitos telecentros na Austrália Ocidental, que são empresas comunitárias de muito sucesso, publicam jornais locais e compartilham recursos com bibliotecas e outros serviços que de outro modo só estariam disponíveis em uma base muito mais limitada do que atualmente. Empresas comunitárias podem igualmente prover tais serviços a idosos, jovens, ou mães de crianças pequenas.
- **Patrocínio de atividades e eventos da comunidade.** A empresa comunidade poderá organizar eventos comunitários que podem ser de benefício cultural, social e econômico, importantes para uma comunidade local. O Dia de Campo de Dowerin traz cerca de 80.000 pessoas para uma cidade que de outra forma tem uma população residente de apenas 800 habitantes. Muitos exemplos de tais eventos existem na Austrália Ocidental, como por exemplo, o Festival Popular de Nannup, o Festival de Blues de Bridgetown, o Dia de Campo de Balingup e sua Feira Medieval.

PARA ONDE IR, A PARTIR DAQUI?

Para apoiar na elaboração de um modelo que integre empresas comunitárias integradas a características específicas de sua comunidade, entre em contato John Croft pelo e-mail jdcroft@yahoo.com.

A tradução para o português, revisão e divulgação deste e de outros textos de *Dragon Dreaming* é fruto de uma iniciativa colaborativa e voluntária que endossa a ética de Crescimento Pessoal, Formação de Comunidades e Serviço à Terra – encontramos em *Dragon Dreaming* contribuições significativas para as mudanças necessárias à nossa sociedade.

Se você deseja colaborar ou conhecer mais, acesse:

Dragon Dreaming Brasil – <http://www.dragondreamingbr.org>

Dragon Dreaming Brasil no Facebook – <https://www.facebook.com/groups/107192366047436/>

Dragon Dreaming International – <http://www.dragondreaming.org/en>